



PMEVILLE

CARLOS SÁ
QUEIRÓS*

Ligamos o computador, entramos numa rede social e vamos jogar ao PMEville, um jogo imaginário onde podemos tentar destruir empresas. Os alvos são os trabalhadores, as instalações, a atividade em si e a reputação.

Logo na primeira jogada, entramos "a matar": incêndio total nas instalações. Não temos sorte. Existe seguro multirisco que vai cobrir os estragos do fogo.

As instalações são próprias, estão a ser pagas em leasing e, como estão a decorrer os trabalhos de recuperação, ninguém pode trabalhar. Estão, então, os salários, o leasing e outras despesas certas para pagar. E sem poder produzir!

Mas a empresa também tinha seguro com cobertura de Gastos Fixos e Privação de Uso; logo, consegue assumir esses pagamentos perante funcionários e credores, repor o equipamento e matérias-primas, e iniciar laboração, passado pouco tempo, em instalações provisórias.

E a ausência de receitas pela pausa na produção? Foi resolvida com a proteção de Perdas de Exploração. Como jogadores, "convencemos" alguns funcionários a irem às insta-

lações de clientes e causarem danos materiais. Pouca sorte novamente. A empresa tinha seguro de responsabilidade civil de exploração. "Mandamo-los" praticar mal a sua atividade, gerando igualmente danos ao cliente, mas também está coberta a responsabilidade civil profissional. O jogo está difícil.

Não conseguimos causar qualquer dano aos funcionários que não seja resolvido pelo seguro de acidentes de trabalho e seguro saúde grupo/empresa.

Afundamos um barco que transportava produtos vendidos a um cliente noutra continente, mas tinha sido contratado um seguro de transporte de mercadorias que assumiu o prejuízo.

Em desespero, aliciamos os funcionários com propostas de trabalho tentadoras, de empresas concorrentes. Mas aproveitando um benefício fiscal, a empresa tinha planos de reforma, acidentes pessoais e vida para todos os trabalhadores. Só um salário mais alto já não era suficiente para os "levar".

Por fim, perdemos o jogo, a empresa sobreviveu. Desligamos.

Na vida real, sabemos que as tesourarias das PME andam "curtas" e que um só imprevisto destes pode ditar o fim a muitas delas.

É nestas alturas que a transferência de riscos para seguradoras faz mais sentido. Menos capital próprio, maior exposição ao risco e mais dificuldade em o enfrentar.

Imagina quanto custariam os imprevistos que "causámos" àquela empresa?



E imagina quanto custaram os seguros que a protegeram? Garanto-lhe que muito longe de um décimo. O benefício é então superior aos hoje célebres descontos de 50%.

Esperemos então que não se reclame por se poderem comprar serviços por menos de um décimo do que custariam e que quem queira os possa aproveitar.

Contacte um profissional de seguros e

analise as debilidades da sua empresa, tal como quando instala uma "firewall" e um anti-vírus. Ela, a empresa, agradece.

Como disse Leonardo Da Vinci, "Não prevenir já é lamentar".

*Administrador da Seguramente.pt,
parceira da Liberty Seguros
www.seguramente.pt